

## A CONSTRUÇÃO DE UM GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO COMO PRÁTICA DISCURSIVA

*Sandra Regina Feiteiro (UFPA)*

[sfeitoiro@gmail.com](mailto:sfeitoiro@gmail.com)

*Abdelhak Razky (UFPA)*

[razky@ufpa.br](mailto:razky@ufpa.br)

### RESUMO

Este estudo se insere na temática “Práticas discursivas: seu funcionamento e suas materialidades” da disciplina “Análise do Discurso” do Programa de Pós-Graduação da UFPA e, dentro desse contexto, tem por objetivo analisar a elaboração de um glossário terminológico como prática discursiva. Busca evidenciar alguns conceitos essenciais referentes à terminologia e à análise do discurso. Essa relação entre discurso e a teoria terminológica articulada à luz do funcionamento da linguagem numa perspectiva interacional, é a articulação teórico-metodológica adotada para este estudo. A análise aponta para o pressuposto de que o resultado final parece ser o término do processo, mas na verdade a produção de um glossário terminológico constitui ponto de partida para a produção de outros textos, de outros sentidos.

**Palavras-chave:** Glossário terminológico. Léxico especializado. Prática discursiva.

### 1. Introdução

Este estudo surgiu da inquietação em analisar a construção de um glossário como prática discursiva, tendo em vista que ao descrever os termos que compõem o glossário, causa a impressão de um produto acabado. Assim, é relevante destacar a relação perceptível entre discurso, interação e saber/fazer terminológico nesse processo de tratamento textual e discursivo dos termos técnico-científicos, com importantes implicações para a produção de obras de referências temáticas.

No aspecto lexical é evidente a contribuição que as línguas especializadas têm dado para o enriquecimento do repertório vocabular das línguas naturais, por meio da propagação de termos que advêm da especialidade para a língua geral.

Na construção de um glossário, evoca-se a presença de, pelo menos, dois interlocutores. De um lado, um sujeito/autor cria um texto, ou seja, produz um questionário com o objetivo de revelar os termos de um dado domínio. De outro lado, um sujeito/leitor o analisa e busca compreender o que o sujeito/autor intencionou ao apresentar os questionamentos. Assim, temos duas situações que se mostram paralelas: produção/in-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

terpretação. Esse binômio embasa o movimento que conduz os sujeitos para a construção de muitos sentidos de um fenômeno linguístico, qual seja a construção de um glossário subjacente ao saber/fazer terminológico. Em outras palavras, a construção de um glossário é um texto que desencadeia outros textos, outros sentidos.

Essa relação entre discurso e a teoria terminológica articulada à luz do funcionamento da linguagem numa perspectiva interacional, é a articulação teórico-metodológica adotada para este estudo. O reconhecimento dessa interface se dá em priorizar a noção de discurso (in) formal e misto, uma vez que percebe a materialidade (a forma) como intimamente ligada à constituição dos discursos, em outras palavras, os comportamentos linguísticos do sujeito dão ao seu discurso uma natureza essencialmente formal ou informal. Dessa forma, nega-se a noção de assujeitamento da análise do discurso, sendo que o sujeito tem consciência de seu comportamento (linguístico) frente à estruturação de suas práticas discursivas.

Essa necessidade da articulação entre a análise dos termos como prática discursiva levou à reflexão proposta neste trabalho. Os termos utilizados todos os dias, pelos profissionais das áreas de especialidade, podem, simplesmente, por diversas razões, serem silenciados, apagados, ressignificados, dependendo das escolhas e das condições específicas da produção das obras. Afinal, é por meio do uso que os termos recebem novos sentidos, passam a significar algo mais, passeiam de um campo para outro, são registrados pela história. Por isso, a relevância em não ignorar o uso dos termos para prevalecer, então, o dinamismo da língua.

### *2. Pressupostos teóricos*

A fundamentação deste texto está ancorada em estudos bibliográficos a partir de leituras que tratam sobre a terminologia, tendo como referência Faulstich (1995), Krieger & Finatto (2004) e Cabré (1995), para as quais importa o caráter interdisciplinar e comunicativo da terminologia e que congrega princípios de várias ciências como as ciências da linguagem e ciências sociais. Para referendar a constituição discursiva do termo adotou-se os postulados de Maingueneau (1997), para o qual o discurso não é simplesmente um conjunto de textos, mas uma prática discursiva. Ponto de discussão seguinte.

## **2.1. Aporte teórico discursivo**

Se a pesquisa terminológica se volta para o estudo do léxico especializado como signo de pertencimento a enunciados que engendram textos (concebidos em sentido macro, são aqui entendidos como a materialização de um discurso) especializados, estes, por sua vez, além dos traços lexicais que veiculam a terminologia própria de um saber, também “possuem características peculiares em nível pragmático [...]”. (BARROS, 2004, p. 9).

Hoffman (*apud* KRIEGER & FINATTO, 2004, p. 353), na década de 80, já havia alertado para a importância de não limitar o trabalho terminológico à terminologia que dele se pode extrair: “[...] ter-se-á que tratar conjuntamente aspectos textuais, sintáticos e lexicais, além de observar fatores extralinguísticos”.

É com base nesses fatores extralinguísticos que parece ser possível reforçar uma aproximação entre ambas as áreas e é igualmente por meio deles que será abordada nessa seção para analisá-los com base no foco discursivo.

Discurso, neste texto, vai ao encontro da definição proposta por Maingueneau (2008, p. 61): “[...] dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes”. Nesses dispositivos, o texto assume um papel duplamente significativo. Corresponde, ao mesmo tempo, à materialidade de um discurso e ao lugar de encontro entre enunciador e coenunciador.

Para Maingueneau (1997), a interdiscursividade tem um lugar privilegiado no estudo do discurso: ao considerar o interdiscurso objeto, procura-se apreender não uma formação discursiva, mas a interação entre formações discursivas diferentes. Nesse sentido, dizer que a interdiscursividade é constituída de todo discurso é dizer que todo discurso é originário de um processo histórico sobre outros discursos.

É preciso lembrar que a linguagem é uma atividade essencialmente humana e se desenvolve na interação social. Por meio dela, os interlocutores, constantemente, transmitem e renovam informações e significações, produzindo discursos. Brandão (2007) define discurso “como toda atividade comunicativa entre interlocutores: atividade produtora de sentidos que se dá na interação entre falantes”.

Na produção discursiva, os interlocutores exprimem sentimentos, valores e crenças atribuindo sentidos, que não são apenas seus, mas de

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

comunidades sociais as quais fazem parte, convivem diariamente. Assim, interlocutores se colocam no discurso enquanto membros de grupos sociais e, logo, estão relacionados a um determinado tempo e a um dado espaço geográfico.

Entendemos por tempo, aqui, o tempo sócio histórico, segundo postula a análise do discurso de linha francesa, pois as marcas temporais constantes dos discursos desses sujeitos revelam valores, crenças e sentimentos de uma determinada época, mais certamente, da época em que vivem.

O espaço, por sua vez, não se restringe a um elemento exclusivamente geográfico, embora num primeiro momento, privilegie o local. Mas sim como aponta Santos (1996, p. 61): "a configuração geográfica e paisagem substituem frequentemente e equivocadamente a palavra "espaço". Ora a configuração espacial é um dado técnico, enquanto o espaço geográfico é um dado social".

Numa perspectiva assim, o tempo e o espaço implicam a presença dos sujeitos que, ao se expressarem tem seus sentimentos, pensamentos e crenças materializados na língua, na atividade discursiva. Entretanto, além dos conhecimentos linguísticos, na interação social, os sujeitos possuem competências em outros saberes. As unidades linguísticas passam a ser examinadas necessariamente a partir de um contexto de prática discursiva. Conforme Maingueneau (1997), ao mobilizar o conceito de prática discursiva implica questionar o entrelaçado existente entre um dito, um dizer e uma instituição.

Ainda de acordo com Maingueneau (1997, p. 56), prática discursiva é a "reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso". Trata-se de reconhecer que a mesma ordem de determinações que constitui os espaços discursivos atua na forma como se constituem, se organizam e agem as comunidades discursivas responsáveis pela produção, circulação e recepção dos discursos.

Por conseguinte, de acordo com os postulados teóricos que conduzem esta discussão, entende-se que os espaços onde os discursos são produzidos e se interagem não podem ser considerados como espaços neutros nem estáveis, muito menos serem classificados um mediador invisível que não mudaria nada na discursividade.

Para que os conceitos sejam definidos, portanto, vale destacar ainda, que a análise do discurso tem como objeto de estudo o discurso,

entendido por Pêcheux (1993, p. 82) como “efeito de sentido” entre locutores que “designam lugares determinados na estrutura de uma formação social.” Tal teoria considera que a linguagem seja a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. “Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive”.

Portanto, a organização dos termos no glossário, não somente exige a elaboração de uma forma discursiva adequada às novas circunstâncias, mas também, à reconstrução de um mesmo conhecimento para públicos diversificados. Questões que discutiremos a seguir.

## **2.2. Aporte teórico terminológico**

De forma bem simplificada, podemos dizer que da terminologia buscamos o conceito de termo e de unidade terminológica, de forma a identificar os elementos constitutivos do glossário nos textos especializados da área. A partir da teoria comunicativa da terminologia, a dimensão comunicativa do termo passa a ser valorizada, juntamente com a dimensão linguística e cognitiva. A terminologia de cunho comunicativo parte de uma visão interdisciplinar que congrega princípios de várias ciências como as da linguagem e as sociais. A unidade terminológica é, portanto, unidade linguística, unidade cognitiva e unidade sociocultural, e seu estudo pode limitar-se a um aspecto, ou pode ser um estudo integrador das várias faces do termo. (CABRÉ, 1995)

A terminologia estuda os termos de uma área do conhecimento e, portanto, estabelece as características discursivas de cada uma das disciplinas, ou seja, descreve os usos terminológicos advindos de um sistema de discursos daquela área. Em uma concepção ampliada, terminologia é o estudo dos termos especializados. (CABRÉ, 1995)

A palavra terminologia tanto se refere aos termos especializados de uma determinada área como ao campo de estudos ou disciplina, nesse caso grafada como terminologia, conforme afirmam Krieger e Finatto (2004). Essa é uma área teórica e aplicada, pois também se ocupa da produção de dicionários especializados, glossários e banco de dados terminológicos. A terminologia surgiu da necessidade de uma padronização, normatização da língua, devido ao grande desenvolvimento científico, tecnológico e econômico observado no decorrer da história humana.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Na atualidade, estudos referentes aos aspectos lexicais de uma língua permitem conter em sua essência o exame de uma concepção de linguagem/discurso que leve em consideração os avanços da Linguística. Dessa forma, acreditamos ser incontestável que “toda atividade humana, todo domínio do saber implica grande número de conceitos” (PONTES, 1997, p. 1). Razão da relevância em dominar o maior número possível de termos para que possamos identificar e manipular as coisas.

O contexto de uso dos termos cria possibilidade de sentido peculiar, pois os “termos são signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas: são entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas” (FAULSTICH, 1998, p. 62)

Essa é uma realidade que suscita necessidade terminológica vasta e os trabalhos terminológicos se mostram com o objetivo de preencher lacunas diante das novas realidades da ciência e da técnica. Essa necessidade de elaboração e descrição sistemática de termos é importante para a formação dos discursos sobre uma área de domínio socialmente distinto. Conforme Strehler (2015, p. 1), “na elaboração de glossários, o trabalho terminológico não pode mais ignorar a vertente social nas línguas de especialidades.” Nesse sentido, um glossário contendo a terminologia de uma área de domínio, será de grande utilidade para os vários níveis de linguagem: tanto para o sujeito/ouvinte como para o sujeito/autor referidos anteriormente.

Nas disciplinas técnico-científicas, como alerta (CABRÉ, 1995, p. 290) “[...] a terminologia é um conjunto de unidades de expressão que permitem transferir o pensamento especializado”, pois “os termos são, para as especialidades, uma maneira de transferir, de comunicar”.

Biderman (2001, p. 13) observa que o léxico “constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”. A seguir, explica como isso se processa:

    Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como etapa primeira no percurso científico humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais.

Acrescenta outro dado ao dizer que

ao nomear, o indivíduo se apropria do real como simbolicamente sugere o relato da Bíblia [...] A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos.

A autora indica dois elementos que caracterizam o léxico de uma língua natural, a saber: nomeação e cognição da realidade. No entanto, a leitura de ambos e a observação da atividade discursiva dos sujeitos contribuem para esclarecer o que é o léxico de uma língua, quer seja o geral quer seja o especializado.

Inicialmente, quando a autora diz que a “geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência”, percebemos uma clara referência aos atos de categorização e recategorização do mundo referencial/imaginário. Evidenciamos aí a presença dos sujeitos que, na interação social, categorizam e recategorizam o mundo referencial/imaginário a todo instante. Trata-se de um processo extremamente dinâmico, pela própria natureza da interação social. Uma das mais expressivas é o desempenho do termo na atividade discursiva.

Isso pode ser visto na atividade discursiva, quando, por exemplo, um termo lexical passa a ter um significado diferente daquele utilizado habitualmente. Ocorre, então, a ampliação ou restrição semântica no discurso, de acordo com o contexto. Essa natureza particular do léxico tem-se constituído em desafio para a abordagem dos itens lexicais no saber/fazer terminológico. Para a elaboração de um glossário, após a etapa inicial da escolha do domínio, é realizada a identificação do usuário da terminologia a ser descrita, logo em seguida a adoção de uma atitude descritiva; consulta a especialistas da área pesquisada; delimitação do corpus; seleção de uma documentação bibliográfica pertinente; precisão das condições de produção e de recepção do texto científico e técnico; concessão, na análise do funcionamento dos termos, de um estatuto principal à sintaxe e à semântica; registro dos termos e da(s) variante(s) do termo; redigir repertórios terminológicos apropriados de acordo com o conteúdo da matéria e o usuário. (FAULSTICH, 1995)

Em síntese, os glossários consistem-se um repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Como a pesquisa terminológica tem etapas bem definidas, culminando com a descrição de termos, pode dar a impressão de se constituir num saber/fazer mecânico, cujo resultado é o glossário. Entretanto, cumpre assinalar que o glossário é, na verdade, um documento que dá origem a várias leituras. Ele traz em seu bojo as vertentes dos procedimentos teórico-metodológicos que norteiam a pesquisa terminológica. Entendimento que será constituído no próximo tópico dessa discussão.

### 3. *A elaboração do glossário como prática discursiva*

A construção de um glossário afigura-se como uma necessidade diante do número elevado de termos resultantes da aplicação do questionário. Hoje, cada vez mais, os pesquisadores têm utilizado *softwares* para a elaboração de glossários e dicionários, de modo a permitir que o material seja não apenas utilizado de forma mais eficaz como também seja posto à disposição da coletividade.

Com efeito, os termos se integram na atividade discursiva. Dessa forma, é possível afirmar que o saber/fazer terminológico pressupõe uma atividade discursiva que ultrapassa as respostas do questionário e os itens linguísticos do glossário. Os dados linguísticos estampados nos glossários são parte constitutiva da produção discursiva que os sujeitos desenvolvem na interação social. Trata-se de uma atividade que constrói e reconstrói sentidos, desenvolve-se em relação a um dado tempo sócio histórico e no seio de uma comunidade linguística localizada num determinado espaço. Conseqüentemente, os termos registrados no glossário integram os discursos dessa comunidade. Como estão atravessados por sentimentos, crenças e valores dos sujeitos, os diferentes discursos expressam sua ideologia e, também, as transformações sócio-históricas da coletividade de modo explícito ou não.

Esse cenário é, no entanto, extremamente significativo quando se examina como se processa a prática discursiva em terminologia, sobretudo no tocante ao léxico. Na pesquisa terminológica do ponto de vista linguístico, utiliza-se o questionário semiestruturado para a coleta de dados. Trata-se de um instrumento semidirigido, com a finalidade de saber a designação que o sujeito entrevistado atribui a um determinado objeto do mundo/espaço sócio-histórico(s) resposta(s) da(s) corresponde(m) à designação ou designações utilizada(s) pelos sujeitos numa determinada especialidade.



Segmentado em domínios, o questionário é aplicado numa entrevista. Em geral, as respostas – unidades terminológicas ou frases breves – se desenvolvem numa sequência relativamente homogênea. Entretanto, às vezes, a sequência é interrompida por afirmações adicionais fornecidas pelo entrevistado ou indagações suplementares do entrevistador. Embora a atenção do pesquisador se volte prioritariamente para os termos, posteriormente transpostos para as fichas e registrados no glossário, em muitos trabalhos, as afirmações adicionais fornecidas pelo entrevistado ou indagações suplementares do entrevistador integram as notas colocadas pelo pesquisador.

Em realidade, o que se verifica é que as várias opções de designações de um termo, que retratam a linguagem especializada, correspondem às ocorrências atribuídas aos sujeitos de uma dada comunidade linguística num tempo sócio-histórico. Nesse sentido, as afirmações adicionais fornecidas pelo entrevistado ou indagações suplementares do entrevistador complementam esse leque de opções. Portanto, as várias opções de designações somadas às afirmações adicionais fornecidas pelo entrevistado ou indagações suplementares do entrevistador, enquanto repertório linguístico de um grupo localizado em dado espaço num determinado tempo sócio-histórico, representam a fala daquele grupo, com sua variação característica. Nessa variação, verifica-se não apenas o uso de determinadas designações, como também a produção de sentidos diferentes para algumas designações. Isso ocorre principalmente porque os discursos não são fixos, transformam-se em função das transformações sócio-históricas por que passa a sociedade. Os sentidos variam em função do contexto de produção e dos lugares ocupados pelos sujeitos que produzem os discursos. Conforme destaca Fernandes (2005 p. 23-24): “Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução”.

#### **4. Considerações finais**

Ao longo deste trabalho, buscamos mostrar que o saber/fazer terminológico não se restringe à elaboração do glossário. Além de ponto de chegada, uma vez que o resultado final, representado sob a forma de listas de termos, parece ser o término de um processo; o glossário constitui, na verdade, ponto de partida para várias pesquisas, para outros textos produtores de sentido.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Do ponto de vista linguístico, como sabemos, o glossário resulta num conjunto de termos, os quais representam uma área de domínio de uma especialidade. Ao mesmo tempo, esse termo pertence a uma dada norma, integra um banco de dados terminológicos e faz parte da prática discursiva de grupos sociais.

Embora, em boa parte das vezes, se faça referência a unidades terminológicas como respostas a dadas questões, elas não podem ser analisadas fora do contexto, sob pena de não atender às necessidades de um público-alvo, e de não preencher uma lacuna de informação.

É evidente, à vista da discussão, que não podemos separar a terminologia do discurso em que aparece, nem das circunstâncias sociais em que se insere este discurso, simplesmente porque os termos se veem definitivamente determinados por estas circunstâncias.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Lúcia Almeida. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.

BIDERMAN, M. T. C. Introdução: as ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Analisando o discurso*. Disponível em: <<http://www.museudalinguaportuguesa.org.br>>. Acesso em: 15-01-2007.

CABRÉ, M. T. La terminologia hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*. Brasília, vol. 24, n. 3, p. 289-298, 1995.

FAULSTICH, Enilde *Leite de Jesus*. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, vol. 24, n. 3, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/486>>.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

KRIEGER, M. das Graças; FINATTO, M. José B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. Trad.: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

PONTES, A. L. Terminologia científica: o que é e como se faz. In: *Revista de Letras*, vol. 19. n. 1-2, 1997.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADDET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad.: Jonas de A. Romualdo. Campinas: Unicamp, 1993.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

STREHLER, Rene. A socioterminologia como base para a elaboração de glossários. *Ciência da Informação*, vol. 24, n. 3, 1995 – Comunicações. Disponível em: <[www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=8879](http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=8879)>. Acesso em: 04-01-2015.